

História

Brasil Colônia - Brasil Colônia 1530 a 1808 - Relações de Trabalho e Resistência Africana e Indígena - [Médio]

01 - (FGV)

“O espaço fechado e o calor do clima, a juntar ao número de pessoas que iam no barco, tão cheio que cada um de nós mal tinha espaço para se virar, quase nos sufocavam. Esta situação fazia-nos transpirar muito, e pouco depois o ar ficava impróprio para respirar, com uma série de cheiros repugnantes, e atingia os escravos como uma doença, da qual muitos morriam”. Relato do escravo Olaudah Equiano. Apud ILIFFE, J., Os africanos. História dum continente. Lisboa, Terramar, 1999, p. 179.

A respeito do tráfico negreiro, é correto afirmar:

- a) Foi praticado exclusivamente pelos portugueses que obtiveram o direito de asiento, ou seja, direito ao fornecimento de escravos às plantações tropicais e às minas da América espanhola e anglo-saxã.
- b) Tornou-se uma atividade extraordinariamente lucrativa e decisiva no processo de acumulação primitiva de capitais que levou ao surgimento da sociedade industrial.
- c) Foi combatido pelos holandeses à época de sua instalação em Pernambuco, o que provocou a revolta da população luso-brasileira em meados do século XVII.
- d) Tornou-se alvo de divergências entre dominicanos, que defendiam o tráfico e a escravidão dos africanos, e os jesuítas, contrários tanto ao tráfico quanto à escravidão.
- e) O aperfeiçoamento do transporte registrado no século XIX visava diminuir a mortandade dos escravos durante a travessia do Atlântico, atenuava as críticas ao tráfico e ainda ampliava a margem de lucros.

02 - (PUC RS)

Sobre a escravidão no Brasil, com base no texto abaixo.

A BRECHA CAMPONESA

“Um outro mecanismo de controle e manutenção da ordem escravista foi a criação de uma margem de economia própria para o escravo dentro do sistema escravista, a chamada ‘brecha camponesa’. Ao ceder um pedaço de terra em usufruto e a folga semanal para trabalhá-la, o senhor aumentava a quantidade de gêneros disponíveis para alimentar a escravatura numerosa, ao mesmo tempo em que fornecia uma válvula de escape para as pressões resultantes da escravidão (...). O espaço da economia própria servia para que os escravos adquirissem tabaco, comida de regala, uma roupinha melhor para

mulher e filhos, etc. Mas, no Rio de Janeiro do século XIX, sua motivação principal parece ter sido o que apontamos como válvula de escape para as pressões do sistema: a ilusão de propriedade ‘distrai’ a escravidão e prende, mais do que uma vigilância feroz e dispendiosa, o escravo à fazenda. ‘Distrai’, ao mesmo tempo, o senhor do seu papel social, tornando-o mais humano aos seus próprios olhos. (...) Certamente o fazendeiro vê encher-se a sua alma de certa satisfação quando vê vir o seu escravo da sua roça trazendo o seu cacho de bananas, o cará, a cana, etc. (...) O sistema escravista – como qualquer outro – não poderia, evidentemente, viabilizar-se apenas pela força. ‘O extremo aperreamento desseca-lhes o coração’, escreve o barão justificando a economia própria dos escravos, ‘endurece-os e inclina-os para o mal. O senhor deve ser severo, justiceiro e humano’.”

REIS, João José & SILVA, Eduardo, In: MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. História das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 1997, p. 248.

A chamada “brecha camponesa”, de que tratam os autores do texto, refere-se a:

- a) Um pedaço de terra cedido em usufruto ao escravo, além de uma folga semanal para trabalhar na terra, de onde os negros podiam extrair gêneros extras para sua subsistência, como o tabaco, a banana, o cará, a comida de regala, etc.
- b) Um mecanismo de distração dos senhores, os quais passarão a produzir alguns gêneros para sua subsistência, criando, assim, uma válvula de escape contra as pressões do sistema.
- c) Um mecanismo de distração para os escravos que, após passarem a semana inteira produzindo apenas cana-de-açúcar, em um dia da semana poderiam se dedicar ao plantio de outros gêneros, além de receberem uma pequena parcela da produção para seu próprio consumo.
- d) Um mecanismo de controle e manutenção da ordem escravista, já que senhores e escravos podiam trabalhar conjuntamente, distraíndo-se das tensões permanentes do sistema e amenizando as profundas diferenças sociais existentes entre eles.
- e) Uma espécie de propriedade privada dos escravos, que possibilitava a estes produzir gêneros complementares para sua subsistência, suprimindo também as necessidades alimentares de seu senhor, que trocava esses produtos por cana-de-açúcar.

03 - (UFF RJ)

Nos últimos anos, estudos acerca da escravidão têm revelado uma sociedade onde os negros, mesmo submetidos a condições subumanas, foram sujeitos de sua própria história.

Sobre a atitude rebelde dos cativos, assegura-se que:

- a) Tarefas mal feitas e incompletas atestavam a veracidade dos argumentos sobre a ignorância dos escravos, o que impossibilitava a organização de movimentos rebeldes.
- b) A vigilância e fiscalização do feitor impediam a rebeldia, restringindo as alternativas de contestação à fuga e ao suicídio.
- c) As revoltas raramente ocorriam, pois, considerados mercadorias, os escravos se reconheciam como coisas e não como humanos.
- d) A rebeldia negra apoiou-se, sobretudo, na manutenção, por parte dos cativos, de seus valores culturais.
- e) O levante dos malês, em 1835, tinha forte conteúdo étnico, o que explica a excepcionalidade desse motim ocorrido na Bahia.

04 - (UFRN)

A implantação do sistema colonial transformou as relações amistosas existentes entre indígenas e portugueses no início da ocupação do Brasil.

Essa transformação se deveu à

- a) Grande inabilidade dos indígenas para a agricultura, recusando-se a trabalhar nas novas plantações açucareiras, atitude que desagradou aos portugueses.
- b) Crescente ocupação das terras pelos portugueses e à necessidade de mão-de-obra, levando à escravização dos índios, que reagiram aos colonos.
- c) Importação de negros africanos, cuja mão-de-obra acabou competindo com a dos indígenas, excluindo estes do mercado de trabalho agrário.
- d) Introdução de técnicas e instrumentos agrícolas europeus nas aldeias indígenas, desestruturando a economia comunal dos grupos nativos.

05 - (FUVEST SP)

Em 1694, uma expedição chefiada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho foi encarregada pelo governo metropolitano de destruir o quilombo de Palmares.

Isto se deu porque:

- a) Os paulistas, excluídos do circuito da produção colonial centrada no Nordeste, queriam af estabelecer pontos de comércio, sendo impedidos pelos quilombos.
- b) Os paulistas tinham prática na perseguição de índios, os quais aliados aos negros de Palmares ameaçavam o governo com movimentos milenaristas.
- c) O quilombo desestabilizava o grande contingente escravo existente no Nordeste, ameaçando a continuidade da produção açucareira e da dominação colonial.
- d) Os senhores de engenho temiam que os quilombolas, que haviam atraído brancos e mestiços pobres, organizassem um movimento de independência da colônia.
- e) Os aldeamentos de escravos rebeldes incitavam os colonos à revolta contra a metrópole visando trazer novamente o Nordeste para o domínio holandês.

06 - (Mackenzie SP)

Considere as seguintes afirmações.

- I. A atividade mineradora exigiu, durante o século XVIII em Minas, grande quantidade de trabalhadores escravos. Com a expansão cafeeira, no início do XIX, o excedente de mão-de-obra deixado pela decadente economia mineira pôde suplementar a carência de braços na lavoura.
- II. Além de seu valor como mão-de-obra e como mercadoria, o escravo representava para seus senhores, nos séculos coloniais, a oportunidade de distinção social e autoridade política, segundo a mentalidade senhorial da época.
- III. A desagregação do sistema escravista em escala mundial, no século XIX, ocasionou, no Brasil, por um lado, o aumento da pressão da diplomacia britânica pela cessação do tráfico, e, por outro, a difusão interna de ideais abolicionistas e republicanos.

Assinale:

- a) se apenas I é correta.
- b) se apenas II é correta.

- c) se apenas III é correta.
- d) se apenas I e II são corretas.
- e) se I, II e III são corretas.

07 - (UFRN)

No Brasil colonial, grande parte da mão-de-obra era suprida pela exploração do trabalho escravo de africanos e de seus descendentes. Sua condição perante a lei era ambígua. Quando se tratava de puni-los, eram considerados *peçoas*, sendo responsabilizados pelas faltas cometidas e recebendo, por isso, severos castigos.

Por outro lado, eram tratados também como *coisas*, uma vez que:

- a) a propriedade sobre o indivíduo escravizado era transmissível por herança, doação, legado, aluguel, empréstimo e confisco.
- b) a condição social de escravo era perpétua e se transmitia hereditariamente, pela linha materna, tal como no antigo direito romano.
- c) a convivência dos escravos domésticos com os seus senhores resultava em maior intimidade e gerava maiores chances de alforria.
- d) a jornada de trabalho dos escravos, nas plantações e nos engenhos de açúcar, era muito longa e esgotava suas forças em poucos anos.

08 - (Mackenzie SP)

Escrevendo sobre os fatores que contribuíram para a adoção do trabalho escravo no Brasil colonial, um importante historiador brasileiro indagava:

Por que se apelou para uma relação de trabalho odiosa a nossos olhos, que parecia semimorta, exatamente na época chamada pomposamente de aurora dos tempos modernos?

Das proposições abaixo, quais se combinam para responder corretamente à indagação feita?

- I. Não havia, na Metrópole, contingentes suficientes de trabalhadores dispostos a emigrar para a colônia, onde pudessem trabalhar em regime de semidependência ou assalariamento, nem esse regime se ajustava ao caráter mercantilista da exploração colonial.

- II. O comércio de escravos africanos representou, desde seu início, no século XV, uma atraente fonte de lucros para os comerciantes metropolitanos e, indiretamente, para a própria Coroa.
- III. Os colonizadores europeus perceberam a inexistência de uma inclinação natural dos africanos à liberdade, o que facilitava sua acomodação rápida ao regime de trabalho compulsório.
- IV. Em Portugal, nem a Coroa nem a Igreja Católica levantaram impedimentos jurídicos ou religiosos contra a escravidão de nativos comprados ou aprisionados na África.
- a) I, II e III
- b) I, II e IV
- c) II, III e IV
- d) I, III e IV
- e) I, II, III e IV

09 - (Mackenzie SP)

“A escravidão moderna, aquela que se inaugurou no século XVI, após os descobrimentos, é uma instituição diretamente relacionada com o sistema colonial.

A escravidão do negro foi a fórmula encontrada pelos colonizadores para explorar as terras descobertas. Durante mais de três séculos utilizaram eles o trabalho escravo com maior ou menor intensidade, em quase toda a faixa colonial.”

Emília Viotti da Costa, Da senzala à colônia

Estão entre as circunstâncias e os fatores históricos que explicam, no caso brasileiro, a instituição da escravidão mencionada acima, EXCETO

- a) a importância econômica que representava, desde o início do século XV, o comércio de escravos africanos como fonte de lucros aos comerciantes metropolitanos, bem como indiretamente à própria Coroa portuguesa.
- b) a mansidão dos trabalhadores africanos, afeitos, havia muito, à condição escrava nas selvas africanas, onde tribos subjugavam outras por meio das guerras.

- c) a inexistência, em Portugal, de contingentes suficientemente numerosos de trabalhadores livres, que se dispusessem a emigrar para a América, onde trabalhassem em regime de semidependência ou como trabalhadores assalariados.
- d) a inexistência então, quer nos princípios religiosos católicos, quer na legislação da Metrópole, de qualquer proibição à escravização de africanos, tanto diretamente aprisionados como comprados a chefes tribais na África.
- e) o caráter essencialmente mercantilista da exploração colonial, que favorecia o emprego de uma mão-de-obra igualmente interessante – enquanto mercadoria – ao comércio metropolitano.

10 - (UNESP SP)

Observe a tabela.

PROPRIETÁRIOS E ÍNDIOS, REGIÃO DE SÃO PAULO, 1600-1729,

SEGUNDO OS INVENTÁRIOS DE BENS

Década	Proprietários	Índios	Posse média (Índios/Proprietários)
1600-9	12	154	12,8
1610-9	49	863	17,6
1620-9	38	852	22,4
1630-9	99	2 804	28,3
1640-9	111	4 060	36,6
1650-9	142	5 375	37,9
1660-9	148	3 752	25,3
1670-9	138	3 686	26,7
1680-9	159	3 623	22,8
1690-9	71	1 058	14,9
1700-9	63	948	15,0
1710-9	100	927	9,3
1720-9	44	435	9,9
1600-1729	1 174	28 537	24,3

(John Manuel Monteiro, Negros da terra.)

Os dados da tabela permitem concluir que

- a) com o início do tráfico negreiro em meados do século XVI, não houve mais práticas de escravidão contra as populações indígenas.

- b) a economia paulista, pautada pela pequena propriedade rural, raramente utilizou-se da mão-de-obra compulsória, fosse dos índios ou dos africanos.
- c) em São Paulo, ao contrário do resto da Colônia, a Igreja Católica concordava e patrocinava a escravização dos índios.
- d) a efetiva escravização dos índios em São Paulo só ocorreu ao final do século XVIII, com as dificuldades do acesso à mão-de-obra africana.
- e) apesar das restrições legais, a escravização dos índios continuou recorrente em São Paulo e teve o seu auge em meados do século XVII.

11 - (UFOP MG)

No período chamado colonial, na América Portuguesa, houve predominância do uso de trabalho escravo. Entre os escravos, havia uma série de distinções relativas ao tipo e ao local de trabalho que exerciam. Outras distinções diziam respeito à etnia, à cor da pele ou à permanência do escravo no país. Por exemplo, chamava-se de “crioulo” o escravo nascido no Brasil.

Marque a alternativa que apresenta a forma como eram chamados os cativos africanos recém-chegados à América Portuguesa.

- a) ladinos
- b) boçais
- c) mulatos
- d) broncos

12 - (UNIFESP SP)

O uso do trabalho escravo de africanos na América colonial representou para setores das colônias e das metrópoles, respectivamente,

- a) o aumento do lucro na produção agrícola e a concentração de capital por meio dos ganhos com o tráfico.

- b) a aceitação passiva, pelos africanos, da condição de escravos e o controle absoluto da circulação de mercadorias.
- c) o desconhecimento pelos escravos das novas terras, dificultando as fugas, e a maior especialização da mão-de-obra.
- d) a substituição da mão-de-obra indígena e a semelhança com as relações de trabalho então existentes na Europa.
- e) o repovoamento de áreas cujas populações originais foram dizimadas e o controle militar do Atlântico.

13 - (UEL PR)

Leia o texto a seguir.

Tenha-se como certo e firme, pois afirmam-no autores sapientíssimos, que é justo e natural que homens prudentes, íntegros e humanos dominem sobre os que não o são. [...] Sendo assim, [...] com perfeito direito os espanhóis dominam sobre os bárbaros do Novo Mundo [...], os quais em prudência, engenho, toda virtude e humanidade são superados pelos espanhóis como [...] macacos por homens.

(SEPÚLVEDA, J. G. As justas causas de guerra contra os índios. In: SUESS, P. (Coord.). A conquista espiritual da América Espanhola. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 531.)

Com base no texto, que foi escrito em 1547, e nos conhecimentos sobre o tema, é correto afirmar:

- a) A superioridade moral espanhola, fundada no cristianismo e nos valores capitalistas, como a busca pelo lucro, fez com que a colonização da América fosse um sucesso do ponto de vista humano, tendo promovido a civilização do índio e a prosperidade social.
- b) Os índios, por sua liberdade natural, deveriam ser aceitos em seu estado edênico, portanto não deveriam ser condenados a expiar em cativeiro os pecados da idolatria, do paganismo, do incesto, da feitiçaria, do canibalismo e da antropofagia.
- c) Os europeus, devido à inferioridade de sua cultura, necessitavam absorver os fundamentos técnicos dos nativos sobre o ambiente americano, para posteriormente dominá-los e transformá-los em consumidores dos produtos industrializados espanhóis.

- d) A colonização espanhola no Novo Mundo era legítima, pois, baseada na escravização do indígena, promoveu a civilização europeia, ao popularizar o consumo de produtos tropicais como o açúcar, o café e o fumo, além de fornecer grande quantidade de mão de obra para a industrialização.
- e) O discurso através do qual se justificava a conquista e a submissão dos povos era baseado na convicção da superioridade natural da cultura europeia, que se manifestaria no uso de roupas, na crença em uma divindade única e no casamento monogâmico.

14 - (UEL PR)

Leia o texto a seguir.

Desde os primórdios da colonização portuguesa, o desenvolvimento da escravidão indígena enquanto instituição minimamente estável foi limitado por diversos obstáculos.

(Adaptado de: MONTEIRO, J. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 130.)

Assinale a alternativa que apresenta corretamente um desses obstáculos enfrentados pelos portugueses para implantar a escravidão indígena na colônia.

- a) A resistência dos próprios índios à escravização.
- b) O fato de os índios não se adaptarem ao sedentarismo da agricultura.
- c) A “preguiça” natural do índio, que o tornava incapacitado para o trabalho.
- d) As ações dos bandeirantes, que protegiam os índios da escravidão.
- e) A baixa produtividade do trabalho indígena.

15 - (UFTM MG)

*Os Tupinambás, no entender dos lusos, “usavam de bestialidades mui estranhas”: pedras ou ossos nos braços, por exemplo, vivendo como “alimárias montesas”, ou seja, como animais. O fato deles não possuírem **nem fé, nem lei, nem rei** (...) transformou-se aos poucos em justificativa para*

desprezá-los. Pior ainda, o canibalismo, registrado primeiramente por Américo Vespúcio, fez de muitos grupos tribais o símbolo por excelência da barbárie.

(Mary del Priore; Renato Pinto Venâncio. *O livro de ouro da história do Brasil*, 2001.)

Infere-se do texto que:

- a) ao aportarem na América, os europeus encontraram outras sociedades e culturas, já citadas na Bíblia, mas consideradas extintas.
- b) a catequese pretendia cristianizar os Tupinambás por intermédio da correspondência entre os deuses indígenas e os santos católicos.
- c) os europeus, guiados pelos preceitos renascentistas, encaram os indígenas como crianças, que mereciam apoio, proteção e educação.
- d) os indígenas encontrados pelos portugueses não despertaram atenção e curiosidade, pois não possuíam reservas de ouro e prata.
- e) por encarar o outro a partir de seus próprios valores, o olhar europeu só foi capaz de julgar os índios a partir da diferença e da falta.

16 - (UNESP SP)



(Rodolfo Amoedo. *O último tamoio*, 1883. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.)

A tela de Rodolfo Amoedo mostra a morte de Aimberê, líder da Confederação dos Tamoios (1554-1567), revolta indígena contra a escravização. A pintura foi realizada mais de três séculos depois e pode ser entendida como um esforço de

- a) representação do sacrifício de indígenas e do acolhimento e proteção que os religiosos teriam dado aos nativos durante o período colonial.
- b) denúncia do genocídio indígena durante a fase colonial, responsabilizando a Igreja Católica por ter colaborado com a Coroa portuguesa.
- c) construção de um passado heroico para o Brasil, associando o índio a um bom selvagem, corrompido posteriormente pela religião católica.
- d) recuperação do período pré-cabralino e apontamento da necessidade de valorização das formas de solidariedade então existentes no Brasil.
- e) exposição dos confrontos entre religiosos e índios, que foram constantes e violentos durante todo o período colonial.

17 - (UNCISAL AL)

A forma mais elaborada de resistência à escravidão se deu por meio dos quilombos. No Brasil, considera-se o mais importante o de Palmares, que

- a) foi formado exclusivamente por escravos nascidos na África e esteve em pleno funcionamento apenas durante a presença dos holandeses no nordeste brasileiro.
- b) se formou no início do século XVII, chegou a ter por volta de 20 mil moradores e foi destruído no fim do mesmo século, pela ação de bandeirantes.
- c) se especializou, durante todo o século XVI, na exploração de metais preciosos, abundantes nas margens dos rios do interior de Pernambuco.
- d) foi constituído no fim do século XVIII e contou com a importante contribuição de setores da Igreja Católica, que eram contrários ao escravismo.
- e) contou com o decisivo apoio de importantes senhores de engenho de Pernambuco e da Bahia, com o intuito de sabotar a presença holandesa nessas capitanias.

18 - (FUVEST SP)

Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial [da colonização do Brasil]; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “aptidão” ao

trabalho escravo (...). O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes, e as dificuldades de seu apresamento, transporte, etc. Mas na “preferência” pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa num sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim, os ganhos comerciais resultantes da preação dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse “gênero de vida”; a acumulação gerada no comércio de africanos, entretanto, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa “mercadoria”. Esse talvez seja o segredo da melhor “adaptação” do negro à lavoura ... escravista. Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário.

Fernando A. Novais. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial**. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 105. Adaptado.

Nesse trecho, o autor afirma que, na América portuguesa,

- a) os escravos indígenas eram de mais fácil obtenção do que os de origem africana, e por isso a metrópole optou pelo uso dos primeiros, já que eram mais produtivos e mais rentáveis.
- b) os escravos africanos aceitavam melhor o trabalho duro dos canaviais do que os indígenas, o que justificava o empenho de comerciantes metropolitanos em gastar mais para a obtenção, na África, daqueles trabalhadores.
- c) o comércio negreiro só pôde prosperar porque alguns mercadores metropolitanos preocupavam-se com as condições de vida dos trabalhadores africanos, enquanto que outros os consideravam uma “mercadoria”.
- d) a rentabilidade propiciada pelo emprego da mão de obra indígena contribuiu decisivamente para que, a partir de certo momento, também escravos africanos fossem empregados na lavoura, o que resultou em um lucrativo comércio de pessoas.
- e) o principal motivo da adoção da mão de obra de origem africana era o fato de que esta precisava ser transportada de outro continente, o que implicava a abertura de um rentável comércio para a metrópole, que se articulava perfeitamente às estruturas do sistema de colonização.

Com efeito, São Paulo e São Vicente, baldados os esforços iniciais de uma agricultura rentável em nível internacional, encontraram no índio sua mercadoria de exportação, não apenas para outras capitanias brasileiras, onde ele era cinco vezes mais barato que o escravo negro, mas também para o Paraguai, com seus ervais, e para o Peru (...).

Em 1630, os paulistas, dirigidos por Antonio Raposo Tavares, atacaram a parte setentrional do Guairá, apoderando-se dos índios da redução de São Miguel. No ano seguinte tomaram outras aldeias.

(Fernando Cacciatore de Garcia. *Fronteira Iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul*)

O texto deve ser relacionado com:

- a) bandeirismo de sertanismo de contrato.
- b) bandeirismo de procura de drogas do sertão.
- c) entradas.
- d) bandeirismo de apresamento de indígenas.
- e) bandeirismo de procura de ouro e pedras preciosas.

20 - (UEMG)



SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática. 2.ed - 2007.176p.

Assinale, a seguir, a alternativa cuja citação faz uma referência **CORRETAMENTE** relacionada à imagem acima apresentada.

- a) (...) Eram eles os encarregados de todos os serviços urbanos, sobretudo do transporte de mercadorias e passageiros. Constituíam a categoria especial dos negros de ganho, (...) Passavam o dia na rua alugando seus serviços com a obrigação de entregar ao senhor uma renda diária ou semanal previamente fixada, pertencendo-lhes o excedente. (GORENDER, Jacob. *O Escravismo Colonial*).
- b) (...) impossível estabelecer uma única motivação para as alforrias. (...) o número, as motivações, as formas e as características dos alforriados variavam em função de condições específicas, no tempo e no espaço. Estabelecer um padrão típico para as alforrias, principalmente para o período colonial, é muito difícil. (FARIA, Sheila de C. *A Mulher africana – alforria e formas de sobrevivência*.)
- c) (...) pelas próprias características das tarefas desempenhadas, (...) eram aqueles que maior contato tinham como seus senhores, junto dos quais passavam todo dia e mesmo parte da noite, pois deviam estar atentos a qualquer chamado, independente do horário de trabalho. (ALGRANTI, L. M. *O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro*.)
- d) (...) mulatos, cabras e crioulos forneciam o grosso dos homens empregados no controle e repressão aos africanos. Eram eles que faziam o trabalho sujo dos brancos de manter a ordem nas fontes, praças e ruas de Salvador, invadir e destruir terreiros religiosos nos subúrbios, perseguir escravos fugitivos através da província e debelar rebeliões escravas onde quer que aparecessem. (REIS, João José. *Rebelião escrava*.)

21 - (ACAFE SC)

A História do Brasil Colônia é marcada por diversas revoltas sociais e complexos processos de resistência ao Estado português e à Igreja.

Acerca desse contexto, analise as afirmações a seguir.

- I. *A resistência dos escravos ocorreu, dentre outras formas, através das fugas, revoltas e na formação de agrupamentos conhecidos como quilombos.*
- II. *A Inquisição que se instalou no Brasil no século XVIII, em Minas Gerais, perseguiu principalmente as seitas cristãs dissidentes do catolicismo. A revolta desses grupos, pouco conhecida, acabou por ser duramente reprimida com execuções sumárias, degredo e prisões.*
- III. *As populações indígenas sofreram com a escravização. Os conflitos foram muito violentos e levaram, em muitos casos, à extinção de vários povos indígenas.*
- IV. *As Guerras Guaraníticas opuseram, no século XVIII, milhares de índios às tropas portuguesas lideradas pelos Jesuítas, que desejavam a conversão ou a escravização dos índios.*

- V. *Durante a ocupação holandesa no nordeste, no século XVII, foram os grupos indígenas que mais resistiram, pois a Companhia das Índias Ocidentais escravizou e deportou grande quantidade de índios para suas colônias de produção de açúcar no Caribe.*

Todas as afirmações **corretas** estão em:

- a) I - III
- b) I - II - IV
- c) II - III - V
- d) III - IV

22 - (UFU MG)

A santidade Jaguaripe (Bahia) foi uma espécie de antecessora, à moda indígena, do que seria Palmares no século XVII. Ela fez tremer o recôncavo, incendiando engenhos e aldeamentos jesuíticos, prometendo a seus adeptos a iminente alforria na “terra sem mal”, paraíso tupi, e a morte ou escravização futura dos portugueses pelos mesmos índios submetidos ao colonialismo. Na santidade baiana predominavam especialmente os tupinambás, mas havia ainda uns cristãos, outros pagãos e ainda rebeldes africanos, assim como em Palmares haveria índios.

VAINFAS, Ronaldo. Deus contra Palmares: representações senhoriais e ideias jesuíticas. In: REIS, João Jose & GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.61-62 (adaptado).

Os movimentos conduzidos por indígenas e negros no Brasil colonial representaram

- a) a resistência frente aos aldeamentos jesuíticos que buscavam impor aos colonizados a religião cristã em detrimento das crenças tradicionais, sendo Palmares, localizado na Serra da Barriga, o maior e mais duradouro símbolo dessa luta no século XVII.

- b) a busca por reconstruir sociedades existentes antes do contato com os europeus, sendo que tanto na santidade Jaguaripe como no Quilombo de Palmares foi a religiosidade tupinambá e banto, respectivamente, revivida sem a presença de elementos cristãos.
- c) a luta contra o colonialismo e a escravidão, sendo que Palmares entrou para a história não pelo nome português cristão, a exemplo da santidade dos tupis, senão como quilombo, vocábulo de origem banto (kilombo), alusivo a acampamento ou fortaleza.
- d) a batalha pela manutenção de elementos culturais de seus antepassados, sendo a santidade de Jaguaripe e o Quilombo de Palmares formas de negar o colonialismo europeu, caracterizadas pela recusa ao enfrentamento direto dos senhores e das tropas portuguesas, visando os acordos.

23 - (UNIFICADO RJ)

No Brasil Colônia, a fuga era o modo mais comum de rebeldia entre os escravos. Muitos desses fugitivos deram origem aos quilombos, ao se reunirem em núcleos fortificados no sertão. Sem dúvida, Palmares, em Alagoas, foi o maior quilombo de que se tem notícia. Nesse quilombo, praticava-se intenso comércio como uma das formas de garantia de sua manutenção e duração, entre 1630 e 1694.

O dinamismo comercial desse quilombo mantinha-se devido à

- a) troca clandestina de mercadorias entre o quilombo e os governos regionais, especialmente com o de Pernambuco.
- b) rede de trocas mercantis estabelecida entre quilombos, em função do conhecimento dos fugitivos sobre a região.
- c) colaboração de brancos que forneciam armas e utensílios, pagos pelos negros com os seus excedentes agrícolas.
- d) conivência da Coroa portuguesa, negligente com o efetivo poder do quilombo naquela região geográfica.
- e) criação de cooperativas para a produção agrícola quilombola, comercializada nas cidades do sertão.

24 - (UPE)

Os povos indígenas tiveram participação essencial nos processos de conquista e na colonização em todas as regiões da América. Na condição de aliados ou inimigos, eles desempenharam importantes e variados papéis na construção das sociedades coloniais e pós-coloniais.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 9.

Sobre a temática e a realidade apresentadas no texto, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Os maias organizaram, durante o século XVI, uma violenta reação à conquista espanhola.
- b) Os povos tapuia, diferentemente dos povos tupi, fizeram alianças com os colonizadores portugueses.
- c) A ausência de povos indígenas no litoral da América Portuguesa facilitou o processo de conquista e colonização lusa na região.
- d) Os incas só foram conquistados pelos espanhóis no final do século XVIII.
- e) Os tupis do litoral da América Portuguesa se dividiram: uns se aliaram aos portugueses enquanto outros se tornaram seus inimigos.

25 - (UPE)

Observe um trecho da letra do samba *Vai passar*, de Chico Buarque de Holanda:

(...) aqui sambaram nossos ancestrais./ Num tempo, página infeliz da nossa história,/ passagem desbotada na memória / Das nossas novas gerações.// Dormia a nossa pátria mãe tão distraída / sem perceber que era subtraída/ Em tenebrosas transações.// Seus filhos erravam cegos pelo continente,/ levavam pedras feito penitentes/erguendo estranhas catedrais.

Com base no texto e nos conteúdos referentes à escravidão no Brasil imperial, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) A música faz referência à utilização da mão de obra escrava que sozinha ergueu as cidades do passado.
- b) A música retrata os aspectos desumanos das relações sociais do passado brasileiro que atingiam apenas os escravos.
- c) Mesmo considerando as dificuldades vivenciadas pelos escravos, como afirma a canção, a conquista de sua liberdade dependia apenas dos seus esforços.
- d) Apesar dos sofrimentos relativos à condição escrava, era comum, no século XIX, ver, nas grandes cidades, escravos que, por exercerem determinados ofícios, detinham uma certa autonomia.
- e) Durante o século XIX, a escravidão se limitava aos africanos e a seus descendentes.

26 - (FGV)

De qualquer modo, o que se sabe ao certo é que estas aldeias não constituíam povoados fixos e permanentes, pois, após alguns anos, os grupos tendiam a mudar-se para um novo local [...]

Diversos motivos podiam contribuir para o deslocamento de uma aldeia: o desgaste do solo, a diminuição das reservas de caça, a atração de um líder carismático, uma disputa interna entre facções ou a morte de um chefe.

MONTEIRO, J. **Negros da terra - Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.**

São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 22.

Considerando o texto acima, indique a alternativa que apresenta uma afirmação correta sobre os povos indígenas do Brasil na época colonial.

- a) Apesar de haver uma maioria de povos nômades ou seminômades, na região de São Paulo de Piratininga, foram encontrados núcleos de agricultores sedentários, o que permitiu o estabelecimento dos jesuítas.
- b) A questão da utilização da mão de obra indígena foi um dos aspectos de concordância entre as práticas coloniais dos jesuítas e os interesses dos colonos laicos, sobretudo na região Sudeste.
- c) As unidades independentes indígenas estavam articuladas num complexo sistema de representação de cada aldeia que formava uma confederação de tribos sob o comando de uma elite guerreira.

- d) Os deslocamentos em busca de novas áreas para o estabelecimento das aldeias eram decididos em assembleias tribais, nas quais as mulheres indígenas tinham direito a expressar suas opiniões.
- e) Apesar de liderar a formação de novas unidades, os chefes raramente obtinham privilégios ou posição social diferenciada, não raro, trabalhando ao lado de seus seguidores e parentes.

27 - (PUC MG)

Leia com atenção o texto a seguir, referente à colonização brasileira.

Há alguns anos que, dos negros de Angola fugidos ao rigor do cativo e fábricas dos engenhos desta capitania, se formaram povoações numerosas pela terra dentro entre os Palmares e matos, cujas asperezas e faltas de caminhos os têm mais fortificados por natureza do que pudera ser por arte e, crescendo cada dia em número, se adiantam tanto no atrevimento que com contínuos roubos e assaltos fazem despejar muita parte dos moradores desta capitania mais vizinhos aos seus mocambos, cujo exemplo e conservação vai convidando cada dia aos mais que fogem, por se livrar [do] rigoroso cativo que padecem, e se verem com a liberdade lograda no fértil das terras e segurança de suas habitações, podendo-se temer que com estas conveniências cresçam em poder de maneira que, sendo tanto maior o número, pretendam atrever-se a tão poucos como são os moradores desta capitania a respeito dos seus cativos [...]

Fernão de Souza Coutinho, governador de Pernambuco, *Carta ao rei* (1º de junho de 1671).

Assinale a opção que identifica adequadamente a origem social, política e econômica do texto apresentado.

- a) Trata-se da formação de quilombos durante o período escravagista no Brasil.
- b) É uma defesa do trabalho indígena devido à falta de mão de obra livre no período colonial brasileiro.
- c) É uma crítica aos movimentos sociais nordestinos com ênfase no cangaço.
- d) É um pedido da Metrópole para importação de colonos europeus.

28 - (UEPA)

Os povos tupi correspondiam no século XV a um enorme conjunto populacional étnico-linguístico que se espalhava por quase toda a costa atlântica sul do continente americano, desde o atual Ceará, até a Lagoa dos Patos, situada nos dias de hoje no Rio Grande do Sul. De acordo com registros de missionários jesuítas e de exploradores portugueses dos primeiros anos da colonização portuguesa, os povos tupi se disseminaram pelo que é hoje a costa brasileira, numa dinâmica combinada de crescimento populacional e fragmentação sociopolítica. Ao mesmo tempo, uma utopia ancestral cultivada pelos diversos grupos tupi da busca de uma “terra sem males”, teria contribuição para sua expansão territorial. Os tupi chegaram no início do século XVI à Amazônia, ocupando a Ilha Tupinambarana como ponto final de sua peregrinação. No caminho percorrido, os povos tupi viviam numa atmosfera de guerra constante entre si e com outros povos não-tupi. Guerras, captura e canibalização dos inimigos alimentavam a fragmentação, a dispersão territorial e o revanchismo.

Em termos simbólicos, o sentido da antropofagia, resultante do enfrentamento entre indígenas pouco antes do início da colonização portuguesa, tem relação com:

- a) a necessidade de exterminar os inimigos na totalidade, inclusive pela ingestão física, de modo a interditar-lhes qualquer forma de sobrevivência ou resquíio material.
- b) o interesse em assimilar as potencialidades guerreiras e a bravura dos inimigos, bem como incorporar seu universo social e cosmológico adicionado ao grupo do vencedor.
- c) a profunda diferença sociocultural entre os povos tupi, que ao longo da expansão tendiam a considerar-se como estrangeiros, habitando regiões contíguas.
- d) a interferência de navegadores europeus que alimentavam as dissensões entre os povos indígenas como meio de conquistálos posteriormente.
- e) a disputa territorial com os povos não-tupi, que foram praticamente expulsos da costa e obrigados a adentrar o interior do continente.

29 - (UEPA)

Os engenhos não eram apenas fábricas incríveis, mas verdadeiros infernos, com caldeiras que parecem lagos ferventes, trabalhos noturnos e gritos desesperados de escravos. Numa melhor posição social, trabalhadores livres desempenhavam funções especializadas. [...] O Brasil

preparava-se para ser, segundo a visão de um cronista no período colonial, o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos.

(VICENTINO, Claudio. História Integrada: o mundo da Idade Moderna:6 série. São Paulo: Scipione,1995,p.4 do Miniatlas histórico).

A visão do cronista do período colonial sobre a escravidão negra nos engenhos, localizados em terras brasileiras, se apoiava em princípios teológicos que viam:

- a) na violência imposta aos escravos negros, um mal necessário ao combate de sua inferioridade racial, marcada pela indolência.
- b) a escravidão como algo necessário à remissão dos negros, que encontravam no trabalho das caldeiras uma forma de pagar pelo mal que traziam em si, e assim garantir a salvação.
- c) nos castigos impostos aos escravos e aos trabalhadores livres uma forma de disciplinar o corpo, pois eram portadores de maus hábitos, principalmente da luxúria.
- d) o trabalho escravo como forma de sacrifício agradável a Deus, pois, sendo este o inferno, suas almas iriam para o céu depois que morressem, junto com os mulatos e brancos.
- e) na ação dos senhores de engenho, uma expressão da presença divina, pois estes possibilitavam a negros e mulatos, o pagamento do pecado original pelo trabalho.

30 - (UEPA)

“Um dia os homens brancos chegaram em navios com asas, que brilhavam como facas ao sol. Travaram duras batalhas com o N’gola e cuspiram fogo nele. Conquistaram as suas salinas e o N’gola fugiu para o interior, para o rio Lucala. Alguns dos seus súditos mais corajosos ficaram perto do mar e quando os homens brancos vieram trocaram ovos e galinhas por tecidos e contas. Os homens brancos voltaram outra vez. Trouxeram-nos milho e mandioca, facas e enxadas, amendoim e tabaco. Daí em diante até os nossos dias, os brancos só nos trouxeram guerras e misérias”.

N’gola – Termo frequentemente utilizado por africanos e europeus entre os séculos XV e XVIII para referir-se genericamente aos chefes locais na região de Angola.

ALVES, Alexandre & DE OLIVEIRA, Leticia Fagundes.
Conexões com a História: Da Colonização da América ao Século XIX. São Paulo: Editora Moderna, 2010. Volume 2. Pp. 18, 51-58.

O texto é um relato sobre a chegada dos portugueses na África, recolhido oralmente na tribo Pende, que vivia na costa de Angola no século XVI. A partir desta leitura, conclui-se que:

- a) o contato dos portugueses na costa de Angola foi diferente do contato na costa brasileira, porque não houve escambo no caso da África.
- b) a experiência de contato com os portugueses no século XVI produziu uma série de consequências desagradáveis para a população local.
- c) a colonização portuguesa de Angola contribuiu para a produção de uma memória que enaltece a superioridade dos brancos europeus.
- d) o interesse dos portugueses na África era pelo escambo e pelo comércio, inexistindo as táticas de conquistas territoriais comuns no século XVI.
- e) os N'gola resistiram às investidas dos portugueses no litoral, organizando-se no interior de Angola contra a exploração comercial dos europeus.

31 - (UFG GO)

Leia o documento a seguir.

Agora vejo que vós outros sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos para chegar aqui. Trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que, depois de nossa morte, a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Disponível em: <[www.iande.art.- be/textos/velhotupinamba.htm](http://www.iande.art.-be/textos/velhotupinamba.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2013. (Adaptado).

O contato entre os viajantes europeus e as populações indígenas foi marcado pela oposição entre modos de vida. O documento apresentado evidencia a percepção de tempo do tupinambá, quando ele critica a

- a) necessidade de acumulação de riqueza por parte do europeu para provimento futuro.
- b) concepção messiânica europeia evocada pelos sacrifícios vivenciados na travessia marítima.
- c) continuidade da vida após a morte em analogia aos ciclos da natureza.
- d) existência de gerações distintas que trabalham pelo bem comum.
- e) forma de exploração econômica da terra que exaure os recursos naturais.

32 - (UFPA)

Ao escrever ao presidente da província do Pará, em 1874, a respeito dos índios locais, o missionário capuchinho Miguel Ângelo de Burgio, afirmou que “[...] nosso maior empenho, por ora, consiste em acostumá-los a agricultura e aos outros misteres da lavoura, porque esses pobres índios não tem a menor ideia do trabalho, da economia e da previsão”.

Arquivo Público do Pará, caixa 310. Fundo: Secretaria da Presidente da Província. Série Offícios das autoridades religiosas, documento 345.

Com base no texto transcrito e nas pesquisas históricas, é correto afirmar que um missionário como Burgio acreditava que os índios do Pará não tinham “ideia do trabalho” porque

- a) muitos exemplos mostravam, é evidente até hoje, que os índios eram preguiçosos, preferindo viver de caça e pesca, em vez de trabalhar na agricultura, por exemplo.
- b) os índios se tornaram preguiçosos depois da chegada dos europeus, pois estes começaram a distribuir presentes entre eles. Antes disso, os índios trabalhavam muito.
- c) eles tinham facilidade para viver do que a natureza lhes oferecia. Com alimento fácil na natureza, eles nunca se sentiam estimulados ao trabalho.
- d) índios e missionários possuíam ideia diferente acerca dos significados do trabalho, que, para os índios, estava associado à garantia da sobrevivência e não à geração de lucros.
- e) houve o fracasso dos missionários em transformar os índios em trabalhadores, o que mostrava que a preguiça dos índios era inata; nada se podia fazer para que eles amassem o trabalho.

33 - (UFPB)

A organização política das sociedades tribais africanas não sofreu profundas alterações com a colonização européia. Ainda no século XIX, essas sociedades viviam de acordo com as suas tradições ancestrais.

Considerando a realidade política africana nesse contexto, identifique as afirmativas corretas.

- I. Os chefes de família subordinavam-se politicamente ao chefe da aldeia.
- II. O chefe da aldeia aplicava justiça, distribuía terras e liderava as guerras.
- III. O poder do chefe de aldeia apoiava-se em um conselho de chefes de família.
- IV. As relações de poder na África independiam das relações de parentesco.

Estão corretas apenas:

- a) I e IV
- b) I, II e III
- c) I, III e IV
- d) II e III
- e) II e IV

34 - (UFPB)

O texto a seguir aborda a escravidão na África pré-colonial:

“O escravo vivia, em geral, com a família do dono e labutava ao seu lado, cumprindo as mesmas tarefas, e ao lado dos filhos, das mulheres, das filhas e das noras do senhor (...). Quase nunca eram vendidos. Seus rebentos ou netos ou bisnetos acabavam por ser assimilados à linhagem do dono, perdendo, assim, com o tempo, a condição servil”.

COSTA E SILVA, Alberto. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 667.

Considerando o texto e o conhecimento sobre a escravidão nas Américas, identifique as afirmativas corretas:

- I. A presença europeia na África alterou as formas tradicionais de escravidão, levando os povos africanos a competir e guerrear, com o objetivo de vender prisioneiros de guerra aos europeus.
- II. Os europeus, ao traficarem os africanos para as Américas, procuraram manter as formas tradicionais de trabalho, permitindo que os escravos trabalhassem junto com as famílias de seus senhores e que obtivessem a liberdade após alguns anos de escravidão.
- III. As formas de trabalho escravo nas Américas eram radicalmente distintas das africanas, pois os escravos eram tratados como mercadorias, obrigados a cumprir funções pesadas e degradantes, e a obtenção de sua liberdade era algo extremamente difícil.
- IV. O escravismo moderno alterou profundamente as relações sociais e políticas no continente africano, incentivando as guerras e provocando um decréscimo populacional, entre outras mudanças, responsáveis, em grande parte, pela pobreza atual da África.

Estão corretas apenas:

- a) I, III e IV
- b) II, III e IV
- c) I, II e III
- d) I, II e IV
- e) II e IV

35 - (Unifev SP)

É correto afirmar que, no Brasil Colônia, a escravização de africanos e afrodescendentes

- a) eliminou a escravização de indígenas, que contavam com a proteção da Igreja Católica e dos responsáveis pela administração colonial.
- b) foi utilizada apenas nas lavouras de açúcar e café, pois os africanos escravizados não se adaptavam ao trabalho nas minas.
- c) permitiu rápida integração racial, mas agravou o preconceito contra os indígenas, considerados inábeis para as atividades agrícolas.
- d) teve implicações que ultrapassaram a esfera econômica, sendo decisiva para a constituição de uma sociedade rigidamente hierarquizada.
- e) representou fonte de mão de obra principalmente para a pecuária desenvolvida no Sul e no Centro-Oeste do território brasileiro.

36 - (PUCCamp SP)

*Sob Pedro II, ancestrais meus julgavam-se ao abrigo de solavancos históricos, portadores que eram de títulos de nobreza, e lá veio o marechal Deodoro com sua república. Meu tetravô Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, que cintilava no Segundo Império como barão de Paty do Alferes, era dono de sete fazendas na região de Vassouras, e terminou sem terra. Esse vovô barão escreveu um livro hoje clássico, **Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro**, com instruções que vão da melhor época para plantar amendoim ao manejo dos escravos, que recomendava tratar bem: “Eles são o nosso melhor capital”.*

(Humberto Werneck. **Esse inferno vai acabar**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011. p. 69)

O *manejo dos escravos* é um tema presente na documentação produzida pelos colonizadores desde o início da implantação do sistema de *plantation*, no Brasil colonial. Para os jesuítas, a escravidão de negros era

- a) condenada, bem como todo e qualquer tipo de escravidão pois estas práticas implicavam em tratamento desumano e não cristão para com o próximo.
- b) tolerada a fim de que os indígenas fossem poupados desse tipo de exploração, viabilizando sua catequese nas missões.

- c) necessária, indo ao encontro dos interesses da própria Companhia de Jesus, que defendia, em geral, a escravidão do não-europeu.
- d) justificada com o argumento da superioridade branca e cristã, devendo as demais raças e religiões serem sistematicamente eliminadas.
- e) admitida uma vez que os negros já fossem escravos em sua terra natal, caso contrário, deveriam ser imediatamente libertos.

37 - (Univag MT)

Sobre base escravista desenvolve-se [...] a colonização da América portuguesa, e a sociedade colonial foi sendo moldada sobre essa base. Já o padre Manoel da Nóbrega notava, nos primórdios da colonização, que “os homens que para aqui vêm não acham outro modo senão viver do trabalho dos escravos”.

(Fernando A. Novais. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial*, 1975.)

Para Portugal, a utilização, em grande escala, da mão de obra escrava na colonização do Brasil implicou

- a) a ruptura do governo português com a Igreja Católica, contrária à escravidão.
- b) o conflito militar com o governo inglês, que se opunha ao tráfico de escravos.
- c) o estabelecimento de relações comerciais com diversas regiões da África.
- d) a transferência de servos dos campos portugueses para os canaviais da colônia.
- e) a procura de capitais no exterior, visando à compra dos cativos a preços elevados.

38 - (FATEC SP)

Durante o período colonial, a exploração de trabalhadores escravos de origem africana foi fundamental para o desenvolvimento das atividades produtivas em toda a América Portuguesa.

No ciclo do ouro, no século XVIII, os escravos não foram responsáveis apenas pela parte braçal, mas também pelo desenvolvimento de técnicas que nunca tinham sido aplicadas na região de Minas Gerais como, por exemplo, a técnica das canoas (que eram lavadouros, espécies de mesas) em que se depositava o cascalho retirado dos rios ou tabuleiros em pequenos montes para ser lavado e apurado.

(<http://www.palmares.gov.br/2008/06/livro-valoriza-historia-afro-brasileira-do-ciclo-deouro/>
Acesso em: 08.01.2014. Adaptado)

Considerando os elementos apresentados, é correto concluir que a mineração no período colonial

- a) reproduzia o modelo de extração trazido pelos colonizadores portugueses.
- b) agregava procedimentos técnicos desenvolvidos pelos escravos africanos.
- c) dependia de grandes máquinas extratoras importadas da Europa.
- d) visava à exploração do ouro, abundante nas regiões litorâneas.
- e) era prejudicada pela inexperiência dos escravos nas minas.

39 - (UEG GO)

O português falado pelos senhores, que os africanos tinham de aprender para obedecer às ordens e sobreviver da melhor maneira possível, também serviu para os que falavam diferentes línguas se entenderem entre si. Algumas vezes pessoas de um mesmo grupo linguístico criavam línguas novas, resultantes de combinações de dialetos africanos entre si e também com o português.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007. p. 90.

Essa integração forçada, em decorrência da prática escravista no Brasil, entre portugueses e diferentes grupos étnicos africanos, teve como resultado

- a) a submissão passiva dos negros africanos à cultura de seus senhores, uma vez que essa mistura linguística os destituía de seus traços culturais de origem.

- b) a formação de uma cultura negra diferente das existentes na África, uma vez que misturava elementos de vários grupos étnicos.
- c) o fortalecimento da identidade negra, facilitando a ação dos grupos de resistência que falavam uma só língua durante as fugas coletivas.
- d) o esquecimento de diversas crenças, mitos, lendas e costumes dos africanos que, destituídos de sua língua-mãe, não conseguiam mais transmitir essas noções.

40 - (UFT TO)

“Desde logo salientamos a doçura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maiores no Brasil do que em qualquer outra parte da América.”

Fonte: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963, p.393.

Diferentemente do texto acima, a historiografia brasileira confirma que os escravos negros não foram totalmente passivos frente ao regime que os oprimia. Durante o período escravista brasileiro, uma das formas de resistência foi:

- a) a migração clandestina rumo à África
- b) a adoção da fé islâmica pelos escravos paulistas
- c) o surgimento de religiões com bases sincréticas
- d) a inexistência de uniões afetivas de caráter estável
- e) o aparecimento de rebeliões como a ‘Revolta da Chibata’

41 - (UFAL)

O pau-brasil só poderia ser retirado de nossas matas se houvesse uma autorização preliminar da Coroa Portuguesa e o acerto das taxas era estipulado por esta. O primeiro a usufruir dessa concessão, em 1501, foi Fernando de Noronha, o qual tinha como sócios vários comerciantes judeus, que porém, em troca desta permissão, tinham por obrigação enviar embarcações à nova terra, encontrar pelo menos trezentas léguas de costa, pagar uma quantia pré-estipulada à Coroa e

também edificar e conservar as fortificações, mantendo assim a segurança do novo território tão almejado pelos invasores.

Disponível em: <http://www.infoescola.com>. Acesso em: 9 dez. 2013 (adaptado).

A exploração do pau-brasil era realizada

- a) pelos indígenas, que conduziam as toras até o litoral para trocá-las por objetos do colonizador.
- b) por mão de obra livre europeia, com auxílio de africanos escravizados.
- c) por africanos escravizados trazidos das ilhas portuguesas da Madeira e Açores.
- d) pelos nativos, que trocavam a madeira por ouro e armas de fogo.
- e) pelos próprios portugueses, que se aventuravam pela mata em busca da madeira.

42 - (ENEM)

O tráfico de escravos em direção à Bahia pode ser dividido em quatro períodos:

- 1.º – O ciclo da Guiné durante a segunda metade do século XVI;
- 2.º – O ciclo de Angola e do Congo no século XVII;
- 3.º – O ciclo da Costa da Mina durante os três primeiros quartos do século XVIII;
- 4.º – O ciclo da Baía de Benin entre 1770 e 1850, estando incluído aí o período do tráfico clandestino.

A chegada dos daomeanos (jejes) ocorreu nos dois últimos períodos. A dos nagô-iorubás corresponde, sobretudo, ao último. A forte predominância dos iorubás na Bahia, de seus usos e costumes, seria explicável pela vinda maciça desse povo no último dos ciclos.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Tradução de Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987. p. 9. (com adaptações).

Os diferentes ciclos do tráfico de escravos da costa africana para a Bahia, no Brasil, indicam que

- a) o início da escravidão no Brasil data do século XVI, quando foram trazidos para o Nordeste os chamados “negros da Guiné”, especialistas na extração de ouro.
- b) a diversidade das origens e dos costumes de cada nação africana é impossível de ser identificada, uma vez que a escravidão moldou os grupos envolvidos em um processo cultural comum.
- c) os ciclos correspondentes a cada período do tráfico de diferentes nações africanas para a Bahia estão relacionados aos distintos portos de comercialização de escravos.
- d) o tráfico de escravos jejes para a Bahia, durante o ciclo da Baía de Benin, ocorreu de forma mais intensa a partir do final do século XVII até a segunda metade do século XVIII.
- e) a escravidão nessa província se estendeu do século XVI até o início do século XVIII, diferentemente do que ocorreu em outras regiões do País.

43 - (ENEM)

Chegança

Sou Pataxó,

Sou Xavante e Carriri,

Ianonâmi, sou Tupi

Guarani, sou Carajá.

Sou Pancararu,

Carijó, Tupinajé,

Sou Potiguar, sou Caeté,

Ful-ni-ô, Tupinambá.

Eu atraquei num porto muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar.
Logo sonhei que estava no paraíso,
Onde nem era preciso dormir para se sonhar.

Mas de repente me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa veio na praia atracar.
De grande-nau,
Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura me apontou pra me pegar.
E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: "vão me acabar".
Levantei-me de Borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.

NÓBREGA, A; e FREIRE, W. CD Pernambuco falando para o mundo, 1998.

A letra da canção apresenta um tema recorrente na história da colonização brasileira, as relações de poder entre portugueses e povos nativos, e representa uma crítica à ideia presente no chamado mito

- a) da democracia racial, originado das relações cordiais estabelecidas entre portugueses e nativos no período anterior ao início da colonização brasileira.

- b) da cordialidade brasileira, advinda da forma como os povos nativos se associaram economicamente aos portugueses, participando dos negócios coloniais açucareiros.
- c) do brasileiro receptivo, oriundo da facilidade com que os nativos brasileiros aceitaram as regras impostas pelo colonizador, o que garantiu o sucesso da colonização.
- d) da natural miscigenação, resultante da forma como a metrópole incentivou a união entre colonos, ex-escravos e nativas para acelerar o povoamento da colônia.
- e) do encontro, que identifica a colonização portuguesa como pacífica em função das relações de troca estabelecidas nos primeiros contatos entre portugueses e nativos.

44 - (ENEM)

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P. V. Carta. RIBEIRO, D. et al. Viagens pela história do Brasil: documentos.

São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O texto é parte da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, documento fundamental para a formação da identidade brasileira. Tratando da relação que, desde esse primeiro contato, se estabeleceu entre portugueses e indígenas, esse trecho da carta revela a

- a) preocupação em garantir a integridade do colonizador diante da resistência dos índios à ocupação da terra.
- b) postura etnocêntrica do europeu diante das características físicas e práticas culturais do indígena.
- c) orientação da política da Coroa Portuguesa quanto à utilização dos nativos como mão de obra para colonizar a nova terra.
- d) oposição de interesses entre portugueses e índios, que dificultava o trabalho catequético e exigia amplos recursos para a defesa da posse da nova terra.

- e) abundância da terra descoberta, o que possibilitou a sua incorporação aos interesses mercantis portugueses, por meio da exploração econômica dos índios.

45 - (ENEM)

Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

(SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*. n. 12, dez./jan./fev. 1991-92 – Adaptado)

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a

- a) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.
- b) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- c) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- d) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- e) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

46 - (ENEM)

Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro, Bahia apud DEL PRIORE, M.
Festas e utopias no Brasil colonial. In: CATELLI JR, R.

Um olhar sobre as festas populares brasileiras.

São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de

- a) exclusão social.
- b) imposição religiosa.
- c) acomodação política.
- d) supressão simbólica.
- e) ressignificação cultural.

47 - (ENEM)

A recuperação da herança cultural africana deve levar em conta o que é próprio do processo cultural: seu movimento, pluralidade e complexidade. Não se trata, portanto, do resgate ingênuo do passado nem do seu cultivo nostálgico, mas de procurar perceber o próprio rosto cultural brasileiro. O que se quer é captar seu movimento para melhor compreendê-lo historicamente.

MINAS GERAIS: **Cadernos do Arquivo 1**: Escravidão em Minas Gerais. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.

Com base no texto, a análise de manifestações culturais de origem africana, como a capoeira ou o candomblé, deve considerar que elas

- a) permanecem como reprodução dos valores e costumes africanos.
- b) perderam a relação com o seu passado histórico.
- c) derivam da interação entre valores africanos e a experiência histórica brasileira.
- d) contribuem para o distanciamento cultural entre negros e brancos no Brasil atual.
- e) demonstram a maior complexidade cultural dos africanos em relação aos europeus.

48 - (FUVEST SP)

A colonização, apesar de toda violência e ruptura, não excluiu processos de reconstrução e recriação cultural conduzidos pelos povos indígenas. É um erro comum crer que a história da conquista representa, para os índios, uma sucessão linear de perdas em vidas, terras e distintividade cultural. A cultura xinguana – que aparecerá para a nação brasileira nos anos 1940 como símbolo de uma tradição estática, original e intocada – é, ao inverso, o resultado de uma história de contatos e mudanças, que tem início no século X d.C. e continua até hoje.

Carlos Fausto. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Com base no trecho acima, é correto afirmar que

- a) o processo colonizador europeu não foi violento como se costuma afirmar, já que ele preservou e até mesmo valorizou várias culturas indígenas.
- b) várias culturas indígenas resistiram e sobreviveram, mesmo com alterações, ao processo colonizador europeu, como a xinguana.
- c) a cultura indígena, extinta graças ao processo colonizador europeu, foi recriada de modo mitológico no Brasil dos anos 1940.
- d) a cultura xinguana, ao contrário de outras culturas indígenas, não foi afetada pelo processo colonizador europeu.
- e) não há relação direta entre, de um lado, o processo colonizador europeu e, de outro, a mortalidade indígena e a perda de sua identidade cultural.

49 - (IFPE)

Entre os séculos XVI e XIX, milhares de africanos foram desembarcados no Brasil, para trabalharem como escravos em diversas atividades, como o plantio de cana, a produção do açúcar, a pecuária etc. Estes homens, mulheres e crianças eram transportados nos chamados navios negreiros ou tumbeiros, que não possuíam condições favoráveis de viagem, fazendo com que cerca de 20% deles morressem durante o trajeto. Sobre a vinda dos negros e sua vida no Brasil, analise as seguintes proposições.

- I. Amontoados nos porões dos navios, os africanos, durante o percurso, tinham que permanecer sentados, acorrentados uns aos outros, praticamente sem condições de se moverem.

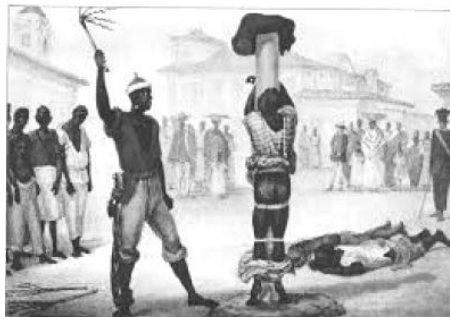
- II. A violência contra os escravos era mais comum nas grandes lavouras, na zona rural do país. Já nos núcleos urbanos a relação entre senhores e cativos era pacífica.
- III. Os quilombos foram uma forma de resistência dos escravos ao cativo, que consistiam em comunidades escondidas em locais distantes, como florestas e serras.
- IV. Os escravos urbanos tinham mais liberdade para se locomover, sem a vigilância do senhor de engenho ou do feitor, pois trabalhavam muitas vezes comércio nas cidades.

Estão corretas, apenas:

- a) I, II e III
- b) I, III e IV
- c) I, II e IV
- d) I e IV
- e) II e III

50 - (IFSP)

Observe a imagem abaixo, que trata da estrutura mais típica da História Brasileira durante a Colonização e o Império.



Sobre a imagem, assinale a alternativa correta.

- a) Os escravos eram punidos a cada falta grave nas fazendas no interior; já nas cidades, as relações entre senhores e escravos eram mais cordiais.
- b) A escravidão produziu um grave problema social quanto à questão da mão-de-obra especializada do negro na sociedade.
- c) Os sistemas econômicos colonial e imperial brasileiro eram marcadamente tomados pelo escravismo, fato comprovado pelo grande número de negros na imagem.
- d) Os castigos públicos eram uma constante no sistema de dominação escravocrata, pois serviam de exemplo contra novos casos de indisciplina.
- e) O fato de negros serem usados como feitores era incomum e demonstra o preconceito do autor do quadro contra os africanos.

51 - (UECE)

Atente para as afirmações abaixo acerca da utilização da mão de obra indígena nos engenhos de açúcar no período colonial brasileiro.

- I. Os indígenas aceitaram mais facilmente o trabalho escravo e se acostumaram à vida com seus senhores, ao contrário dos africanos que sempre resistiram.
- II. Os jesuítas empreenderam uma intensa campanha contra a escravização dos indígenas, razão pela qual vieram para o Brasil no início da colonização.
- III. As dificuldades de escravização dos indígenas e os lucros do tráfico negreiro levaram os portugueses a optar pela mão de obra africana.

Está correto o que se afirma somente em

- a) I e II.
- b) II.
- c) II e III.

d) III.

52 - (UEG GO)

Poucos temas da história brasileira têm sido tão discutidos e investigados como a escravidão. Um dos assuntos de destaque é a existência de uma “brecha camponesa”, defendida por autores que destacam a importância do setor dedicado ao mercado interno na economia brasileira.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 125. (Adaptado).

A “brecha camponesa” que existiu no tempo da escravidão era formada pelos

- a) escravos das monoculturas de cana e café que tiveram permissão de trabalhar em pequenas porções de terras, produzindo para a subsistência e para o mercado.
- b) imigrantes europeus, sobretudo italianos, que vieram para o Brasil trabalhar como pequenos camponeses nas fazendas de café.
- c) quilombolas que, por meio da produção coletiva, abasteceram as principais cidades do Império com a produção de alimentos.
- d) indígenas que, sob a proteção das leis indigenistas do Império, recebiam pequenos lotes individuais para a produção agropecuária.

53 - (UFPR)

“(…) a aldeia é um espaço escolhido e organizado pelo próprio índio, e ‘o aldeamento é resultado de uma política feita por vontade dos europeus para concentrar comunidades indígenas’.” (Aldeias que não estão no mapa. Entrevista com a Profa. Dra. Nanci Vieira de Oliveira por Maria Alice Cruz. *Jornal da Unicamp*. 197, novembro de 2002, p.5.).

A afirmação acima refere-se aos aldeamentos missionários e às transformações que eles trouxeram à vida dos indígenas no período colonial da América portuguesa. Os objetivos das missões jesuíticas eram

- a) a catequese e a escravidão dos indígenas como mão-de-obra para a monocultura, o que implicou para os índios a mestiçagem com os escravos negros e a modificação de sistema de trabalho e organização social.
- b) a aculturação, a conversão religiosa e a escravização dos indígenas para extração do pau-brasil, o que implicou para os índios a mestiçagem com os brancos europeus e a modificação da sua organização social.
- c) a catequese, o isolamento político e cultural dos jesuítas e o controle das áreas de fronteiras com as colônias espanholas, o que implicou para os índios uma grande mortalidade por conta dos confrontos com os espanhóis.
- d) a aculturação e a proteção dos indígenas perante os bandeirantes, o que implicou para os índios a conversão religiosa e a formação de clérigos e de noviças para a Companhia de Jesus.
- e) a catequese, a proteção dos indígenas e a assimilação dos nativos ao sistema colonial, o que implicou para os índios a modificação de hábitos, crenças religiosas, sistema de trabalho e organização habitacional.

54 - (UniCESUMAR SP)

A resistência negra à escravidão, durante o período colonial brasileiro, incluiu a

- a) aceitação passiva do trabalho nas lavouras de cana, para evitar castigos físicos e aprisionamentos.
- b) a organização de embarques regulares e clandestinos em navios mercantes, para retornar à África.
- c) rejeição de atividades na pecuária ou na mineração, para evitar deslocamentos e perda de contato com a família.
- d) colaboração com senhores de engenho e bandeirantes, na caça a escravos foragidos.
- e) prática secreta ou disfarçada de religiões de origem africana, no esforço de preservar crenças e tradições.

55 - (UEPA)

Chefes indígenas de povos situados no que hoje corresponde aos litorais sul do Rio de Janeiro e norte de São Paulo promoveram entre 1554 e 1567 a mobilização que ficou conhecida como Confederação dos Tamoios. Os vários povos tupinambá reuniram-se em torno de seus chefes anciãos (“Tamuya”) e promoveram um levante contra a escravidão e as violências promovidas pelos colonizadores portugueses. O ponto de partida da revolta foi a aliança selada entre portugueses e índios guaianazes para a escravização das populações tupinambá. Esta estratégia de colonização:

- a) permitiu a cooptação de lideranças indígenas, inclusive entre os tupinambá, o que impediu a criação da confederação.
- b) era ineficiente dada a intervenção de outras potências europeias, como no caso dos franceses, que incentivaram a união dos tupinambá.
- c) foi mal sucedida em função da unidade política e territorial dos povos tupinambá, que facilitou a defesa contra as investidas portuguesas.
- d) assemelhava-se àquela adotada na África desde o século XV, de promoção de guerras entre os nativos para facilitar a aquisição de escravos.
- e) abriu espaço para a criação de alianças políticas entre povos indígenas, resultando na formação de estruturas governamentais unificadas.

56 - (UNCISAL AL)

Durante o período colonial, a escravidão indígena não foi questionada, mas o que se discutia eram quais índios deveriam ser escravizados e em que circunstâncias. [...] Neste sentido, leis sucessivas foram editadas, permitindo a apropriação dos indígenas. [...] Os cativeiros referiam-se aos índios apresados nas "guerras justas". Os índios capturados nesse contexto se tornavam escravos por toda a vida.

JESUS, Nauk Maria de. A guerra justa contra os Payaguá (1ª metade do século XVIII).

História em Reflexão: Revista Eletrônica de História, Dourados v. 1, n. 2, p. 1-17, jul./dez., 2007

No Brasil colonial a guerra justa era entendida como

- a) aquela em que havia equilíbrio entre os dois lados do conflito, podendo a vitória pertencer a qualquer um dos contendores.

- b) um modelo ético e moral de dominação, baseado no princípio da conquista para a salvação das almas dos indígenas.
- c) uma justificativa para o processo de ocupação e defesa territorial contra os invasores franceses e holandeses.
- d) uma forma de legitimar a resistência indígena ao cativo, a união com os colonizadores e a aculturação europeia.
- e) aquela autorizada pela Coroa ou pelos governadores ou as travadas em legítima defesa contra os ataques indígenas.

57 - (UNCISAL AL)

Existem comunidades quilombolas em pelo menos 24 estados do Brasil: Amazonas, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil.html

Podemos afirmar que

- a) os quilombos eram organizações de escravos e índios, localizados em regiões próximas ao litoral.
- b) o quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, Pernambuco, atual Alagoas, foi um dos quilombos mais importantes, pois atingiu uma vasta extensão territorial.
- c) muitos quilombos sobreviviam da agricultura de subsistência, pecuária, caça e pesca e comércio.
- d) Domingos Jorge Velho foi o responsável pelo enfrentamento e destruição dos quilombos no Brasil.
- e) Zumbi e Ganga Zumba, líderes do quilombo dos Palmares, tornaram-se mártires e símbolos da resistência à escravidão.

58 - (IFSC)

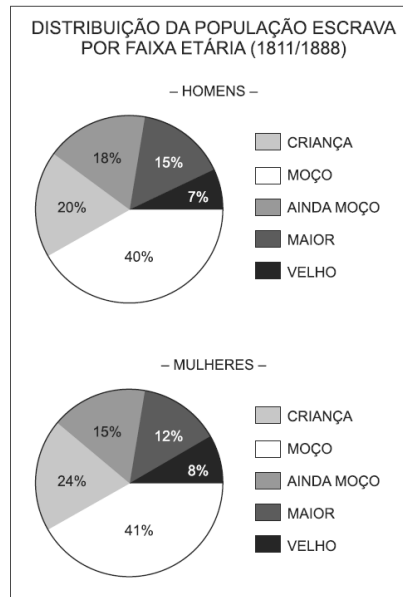
A palavra quilombo vem de "ochilombo", de um dialeto banto, até hoje falado por certos povos em Angola, de onde veio a maioria dos escravos brasileiros. Designava acampamento usado por populações nômades. No Brasil, deu nome aos núcleos de resistência à escravidão. Os quilombolas são os descendentes dos habitantes dos quilombos.

Disponível em <http://goo.gl/WjY02X>. Acesso: 15 set. 2014. [adaptado]

Em relação às comunidades quilombolas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) As terras das comunidades quilombolas pertencem ao Estado para valorização da cultura e podem ser utilizadas para a prática de plantação de cana-de-açúcar, soja e arroz.
- b) Há áreas de quilombolas espalhadas pelo país, menos no Maranhão e na região Sul do Brasil.
- c) Desde o fim da escravidão até hoje, não há mais a necessidade de reconhecer os territórios quilombolas no Brasil, já que hoje há uma igualdade de direitos humanos básicos.
- d) Algumas comunidades quilombolas rurais ainda praticam cultura de subsistência e suas manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.
- e) Com o fim da escravidão, as comunidades quilombolas foram viver nas periferias das cidades e próximo às indústrias.

59 - (UEFS BA)



Fonte: INVENTÁRIOS (APEB)

ANDRADE, M. J. A mão de obra escrava em Salvador (1811-1860). São Paulo: Corrupio, 1988, p. 110.

A análise dos gráficos e os conhecimentos sobre o trabalho escravo na Bahia permitem relacionar

- o percentual elevado de escravos moços como resultado da intensidade do tráfico, que privilegiava a venda de escravos em idade adequada para os rigores do trabalho urbano e do rural.
- o percentual modesto da entrada de escravos crianças resultante da intensa venda de menores para colônias espanholas e francesas da América.
- o percentual mínimo de velhos, em decorrência do hábito de repatriar os escravos, logo que perdiam a capacidade para o trabalho.
- o relativo equilíbrio entre os gráficos de mulheres e homens, revelando a facilidade com que ambos os gêneros eram vendidos nos mercados.
- a predominância dos escravos maiores de idade, preferidos no mercado por sua experiência e capacidade de adaptação ao trabalho servil.

60 - (UNITAU SP)

A escravidão no Brasil tornou-se predominantemente negra no início do século XVII, sendo utilizada tanto nos centros urbanos como nas zonas rurais e de mineração. Nos centros urbanos, existiam os escravos domésticos, de ganho e de aluguel. Sobre os escravos de ganho, é CORRETO afirmar que

- a) trabalhavam em atividades remuneradas mas não tinham nenhuma autonomia em relação ao seu proprietário.
- b) todos os escravos de ganho eram alforriados.
- c) desempenhavam as mais variadas tarefas sob a supervisão de terceiros.
- d) suas atividades restringiam-se ao ganho advindo de procedimentos da compra e venda de escravos.
- e) parte do dinheiro obtido nos serviços realizados era repassada aos senhores, mas aos escravos era permitido conservar uma parcela, utilizada em alimentação, vestuário, compra de ferramentas e, eventualmente, na alforria.

61 - (ENEM)

Em 1697, publicou-se, em Lisboa, “A arte da língua de Angola”, a mais antiga gramática de uma língua banto, escrita na Bahia, para uso dos jesuítas, com o objetivo de facilitar a doutrinação de negros angolanos. Os aportes bantos ou “bantuismos”, palavras africanas que se incorporaram à língua portuguesa no Brasil, estão associados ao regime da escravidão (senzala, mucama, banguê, quilombo). A maioria dessas palavras está completamente integrada ao sistema linguístico do português brasileiro, formando derivados da língua com base na raiz banto (esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha, quilombola).

CASTRO, Yeda P. de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Revista eletrônica do IPHAN. Dossiê Línguas do Brasil, nº 6 - jan/fev. 2007. Disponível em:

<<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=214>>.

Acesso em: 09 fev.2009 (adaptado).

Dado o fato histórico-linguístico de incorporação de “bantuismos” na língua portuguesa, conclui-se que

- a) os grupos dominantes recusam a cultura de setores menos favorecidos da sociedade.
- b) a língua é um fenômeno orgânico e histórico cuja dinâmica impossibilita seu controle.
- c) os jesuítas foram os responsáveis pela difusão da língua banto no Brasil.
- d) o idioma dos escravos tinha prestígio social, a ponto de merecer um estudo gramatical no século XVII.
- e) os vocábulos portugueses derivados das línguas banto evidenciam a ocorrência de uma ruptura entre essas línguas.

62 - (ENEM)

Como tratar com os índios

A experiência de trezentos anos tem feito ver que a aspereza é um meio errado para domesticar os índios; parece, pois, que brandura e afago são os meios que nos restam. Perdoar-lhes alguns excessos, de que sem dúvida seria causa a sua barbaridade e longo hábito com a falta de leis. Os habitantes da América são menos sanguinários do que os negros d'África, mais mansos, tratáveis e hospitais.

VILHENA, L. S. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Itapuã, 1969 (adaptado).

O escritor português Luís Vilhena escreve, no século XVIII, sobre um tema recorrente para os homens da sua época. Seu posicionamento emerge de um contexto em que

- a) o índio, pela sua condição de ingenuidade, representava uma possibilidade de mão de obra nas indústrias.
- b) a abolição da escravatura abriu uma lacuna na cadeia produtiva, exigindo, dessa forma, o trabalho do nativo.
- c) o nativo indígena, estereotipado como um papel em branco, deveria adequar-se ao mundo do trabalho compulsório.

- d) a escravidão do indígena apresentou-se como alternativa de mão de obra assalariada para a lavoura açucareira.
- e) a escravidão do negro passa a ser substituída pela indígena, sob a alegação de os primeiros serem selvagens.

63 - (PUC GO)

BOBO PLIN (cantando)

Estrelas, estrelas,

estrelas, estrelas,

no firmamento

azul do céu

infinito céu azul.

Estrelas, estrelas,

mil e uma estrelas,

uma em mil,

uma em mil,

uma em mil habitada.

Será? Será? Será?

Será? Será? Será?

Que só nós

no planeta Terra? Será?

Nenhum reflexo mágico

na cara dos palhaços,

no pálido alvaiade,

na noite de carvão,

nos campos de carmim,

o sangue derramado,
o deboche vermelhão
em olhos raiados
dos sonolentos sonhadores,
mortos matadores,
obedientes aos seus senhores,
a dormir, comer, trabalhar,
trabalhar, comer, dormir,
trabalhar, trabalhar, trabalhar (BIS)

E o ponto magnético,
a estrela mais brilhante
no céu azul,
na roupa de cetim
do histrião mecânico
que sem arrependimento,
falador, falastrão, bufão,
matraca constante,
arauto da ilusão
apregooou triunfante,
apregooou triunfante
as vantagens
de dormir, comer, trabalhar,
trabalhar, comer, dormir,
trabalhar, trabalhar, trabalhar (BIS)
na segurança do contrato.

com a doença,

com a velhice,

com a morte.

Trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Estrelas, estrelas

estrelas, estrelas

mil e uma

uma em mil.

Será? Será? Será? Será?...

(Pausa. Menelão agarra Bobo Plin e o sacode.)

[...]

BOBO PLIN —

Ó Ideal,

que estás no meu céu interior,

verdade viva

que faz minha alma

imortal,

para que tua tendência

evolutiva

seja realizada,

para que teu nome

se afirme pelo trabalho,

para que tua revelação

seja manifestada a cada

espetáculo,
a cada espetáculo concede-me
a idéia criadora,
que assim como ela está
entendida no meu coração
seja entendida no meu corpo.

Ó Ideal,
preserva-me dos reflexos
da matéria,
que eu compreenda
que o sofrimento benfeitor
está na origem da minha
encarnação.

Livra-me do desespero
e que teu nome seja
santificado
pela minha coragem
na prova.

Ó Ideal,
faze com que eu
não diferencie
o fracasso do sucesso.
E perdoa a minha
dificuldade de comunicação,
assim como eu perdôo

os que não têm ouvidos

de ouvir

nem olhos de ver.

Ó Ideal.

Destrói meu orgulho,

que poderia afastar-me

da tua luz-guia,

nutre meu devotamento,

porque és,

Ó Ideal,

a realeza, o equilíbrio, a força

da minha intuição.

(MARCOS, Plínio. **Balada de um palhaço**. Edição do Autor, 1986. p. 42-44.)

Os versos “trabalhar, comer, dormir,/ trabalhar, trabalhar, trabalhar” (texto1) reproduzem a árdua rotina de um escravo. Hoje pode parecer estranho o comércio de vidas humanas, mas ele já movimentou muito capital e enriqueceu muitas pessoas. Sobre o tráfico de escravos, assinale a alternativa correta:

- a) Os escravos eram capturados diretamente pelos portugueses nas selvas africanas. Quanto mais difícil era essa captura, mais caro ele seria no mercado negreiro.
- b) Os portugueses pouco entraram no continente africano, limitando-se a receber escravos vendidos pelos próprios negros em portos previamente determinados.
- c) O tráfico de escravos foi uma das primeiras iniciativas de comércio internacional e globalizado, com as potências europeias disputando os lucros com avidez.
- d) Os portugueses e os espanhóis dominaram por muitas décadas o tráfico de escravos para a América, entrando os ingleses nesse ramo comercial bem mais tarde. Isso é demonstrado,

inclusive, na maior suavidade da escravidão ocorrida nos Estados Unidos da América, se a compararmos com a ocorrida na América Latina.

64 - (PUC GO)

Mas ai do cacique que fia apenas em seus sentidos, vez que são ilusórios e no mais das vezes traiçoeiros. É preciso que haja o concurso dos espíritos para conhecer o verdadeiro destino que está nas mãos dos deuses. Destino este que pode ser alterado para melhor ou para pior, dependendo apenas do grau de entrosamento que possa existir entre os deuses, os espíritos e os sentidos. Os presságios fornecidos pelos deuses, por intermédio dos espíritos, têm de ser clareados pelo entendimento, que carece de treino e exercícios, para que as ações corretivas do destino sejam feitas na forma e no tempo corretos.

Na verdade, o novo chefe ainda não domina com perfeição as complicadas engrenagens da magia, como as dominava seu pai. Por isso, se quiser continuar bem vivo e benquisto no comando supremo de sua nação, terá que aprender sem perda de tempo a trilhar por todos os caminhos, bifurcações e atalhos da tradicional magia. O pior é que ela, a magia, tem suas manhas, seus caprichos, seus brinquedos de esconde-esconde e não revela seus segredos assim pelas bordunas da ânsia, nem pelas alavancas da necessidade. Exige uma conjunção de diversas forças naturais e sobrenaturais, um clima adequado, uma estação propícia, como o mel da abelha e o fruto do sapoti. Embora não venha de graça, nem dispense o cultivo. Por isso o jovem líder, assim que redistribuir as mulheres em quinhões equânimes, apaziguar a tribo e realizar a festa de agradecimento aos deuses pelo resultado bélico, que também é uma forma sagrada de adormecer os descontentamentos mais renitentes, mergulhará com fervor contrito no mundo mágico dos ancestrais, a bebericar infusões, a fumar ervas e a invocar os espíritos e, das informações que vier a receber, que espera não sejam poucas nem triviais, deseja fazer as melhores traduções possíveis e botá-las a serviço de seu aguerrido povo. E só então fazer-se merecedor por inteiro da confiança que a tribo, como um tributo unânime, lhe depositou.

(LOURENÇO, Edival. Naqueles morros, depois dachuva: o jogo do Diabolô. São Paulo: Hedra, 2010. p. 160-161.)

O texto aborda as crenças e os ritos das populações indígenas do Continente Americano. Acerca desses povos, muitos ainda existentes, assinale a alternativa correta:

- a) A origem dessas populações permanece incerta, apesar de terem um nível cultural semelhante e línguas provindas de um mesmo tronco linguístico.

- b) O nível cultural dos nativos impediu, de início, um projeto de colonização mais eficaz. Isso levou os europeus a trazerem os escravos da África, que possuíam um nível cultural bem mais adiantado.
- c) Segundo as teorias raciais modernas, os povos indígenas têm sua origem nos povos de pele vermelha. Antigamente se acreditava que eles vinham dos amarelos.
- d) As diferenças entre a organização social, econômica e política dos povos nativos eram enormes, o que, na prática, impossibilitou uma política única de domínio por parte dos colonizadores.

65 - (UFPA)

Com a Lei de 25 de março de 1570, a Coroa portuguesa procurou regulamentar a escravidão indígena, determinando duas situações em que tal prática seria considerada legítima: “Guerra Justa” e “tropas de resgate”. No entanto, colonos e missionários deveriam provar diante das autoridades coloniais a legitimidade do cativo, a fim de evitar abusos. Sobre esse contexto, é correto afirmar:

- a) Contrários à escravidão indígena, os missionários fiscalizavam rigorosamente as ações dos colonos; apenas eram aprisionados índios em situação de guerra justa ou tropa de resgate.
- b) Sabendo que a ação fiscalizadora da Coroa portuguesa era rigorosa, os colonos respeitavam a lei, apenas escravizando índios na situação legalmente determinada como legítima.
- c) Após a verificação da legitimidade dos cativos, os índios eram separados por etnia e assim enviados às missões, formadas exclusivamente por índios que falavam a mesma língua.
- d) Muitos índios aprisionados eram ameaçados e declaravam falsamente que haviam sido resgatados dos rituais de antropofagia, o que gerava fraude na lei que regulamentava o cativo indígena.
- e) Graças à verificação da legitimidade do cativo, a escravidão indígena no Brasil foi insignificante, razão pela qual a mão-de-obra indígena foi substituída pela do africano.

66 - (Fac. Israelita de C. da Saúde Albert Einstein SP)

“Para se tirar este óleo das árvores lhes dão um talho com um machado acima do pé, até que lhe chegam à veia, e como lhe chegam corre este óleo em fio, e lança tanta quantidade cada árvore que há algumas que dão duas botijas cheias, que tem cada uma quatro camadas. Este óleo [de

copaíba] tem muito bom cheiro, e é excelente para curar feridas frescas, e as que levam pontos da primeira curam, soldam se as queimam com ele, e as estocadas ou feridas que não levam ponto se curam com ele, sem outras mezinhas; com o qual se cria a carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrupção nem matéria. Para frialdades, dores de barriga e pontadas de frio é este óleo santíssimo, e é tão sutil que se vai de todas as vasilhas, se não são vidradas; e algumas pessoas querem afirmar que até no vidro minguia; e quem se untar com este óleo há de se guardar do ar, porque é prejudicial.”

Gabriel Soares de Souza. Tratado descritivo do Brasil em 1587.
São Paulo: Edusp, 1987, p. 202-203.

O texto, escrito por um viajante português ao Brasil em 1587, indica a percepção de características dos nativos, como

- a) o conhecimento de árvores e de ervas e o desenvolvimento de práticas medicinais e da cerâmica.
- b) a submissão aos conhecimentos científicos dos portugueses e a capacidade de observação da natureza.
- c) os cuidados com a diversidade da flora e da fauna e a limitação dos recursos hídricos disponíveis.
- d) o caráter religioso das práticas médicas e a dificuldade de reconhecer o avanço das doenças.

67 - (UFPR)

Na América portuguesa, as irmandades eram espaços de:

- a) assistência aos negros que fugiam de seus senhores, providenciando alojamento e laços de solidariedade para arrecadar fundos para sua alforria, através da realização de festas de devoção aos seus santos padroeiros.
- b) congregação de negros, indígenas e brancos pobres, constituindo sociedades de auxílio mútuo para garantir um enterro digno aos seus membros e familiares, além de proteger seus membros das visitações da Inquisição.

- c) resistência ao catolicismo do regime de padroado, permitindo que os negros mantivessem seus cultos originais africanos após conquistarem sua alforria, proibindo a entrada de membros brancos e indígenas.
- d) auxílio mútuo, em caso de doença, enterro e assistência a órfãos e viúvas, e de arrecadação de recursos para alforria, servindo também para manter traços das culturas africanas, como forma de resistência à sociedade escravocrata.
- e) sociabilidade dos negros escravizados e libertos, compreendendo debates políticos de resistência à escravidão, por meio da preservação das culturas e devoções africanas, o que gerou o primeiro ideário abolicionista.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 68

O Brasil possui 64 milhões de hectares de florestas sujeitas à grilagem, a maior parte na Amazônia. A área, que equivale a duas vezes e meia o Estado de São Paulo, representa 22% do total de florestas públicas no País. São terras públicas, sem uso regulamentado, ou seja, não acomodam assentamentos, terras indígenas nem unidades de conservação. [...] as florestas públicas que já foram destinadas a algum uso são maioria e contam 226 milhões de hectares. As terras indígenas somam 111 milhões de hectares, seguidas pelas unidades de conservação, com cerca de 105 milhões de hectares, sendo 60% federais e 40% estaduais. Os assentamentos públicos da reforma agrária ocupam 10 milhões de hectares.

[...] O governo defende que parte dessas áreas [Amazônicas] seja convertida em novos locais para concessão florestal, o que evitaria a ocupação desordenada e a grilagem. Só o Amazonas possui 43,6 milhões de hectares de florestas nativas não destinadas.

As primeiras concessões para exploração controlada de madeira na Amazônia saíram este ano. “Desses 64 milhões de hectares de florestas sem uso regulamentado, pelo menos 10 milhões podem ser transformados em áreas de concessão”. [...]

De acordo com André Carvalho, pesquisador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas, o manejo sustentável de florestas pode, ao lado de investimentos em energia renovável, permitir ao País cumprir as metas climáticas firmadas em Copenhague.

(PAÍS..., 2010).

68 - (UESC BA)

O processo de ocupação do Brasil pelo colonizador europeu ocorreu de forma lenta e gradual, provocando impactos sobre os aspectos ambientais e sociais.

Em relação ao processo inicial de ocupação do território, pode-se afirmar:

01. A permanência de matas virgens no interior se explica pela fixação da maioria das populações indígenas no litoral, devido à maior facilidade de comunicação e de intercâmbio comercial.
02. A população indígena que habitava o Brasil, à época do descobrimento, se caracterizava pelo baixo nível cultural e técnico, o que a tornou extremamente dependente e submissa aos europeus.
03. A migração de populações indígenas para áreas interioranas, no decorrer do processo colonizatório, contribuiu para a preservação da sua herança biológica, social e cultural.
04. O grupo indígena tupi-guarani possuía uma unidade linguística, étnica e cultural, que foi de fundamental importância para a resistência organizada que apresentou perante o elemento colonizador.
05. A colonização europeia levou à progressiva diminuição da população indígena que se encontra, hoje em dia, totalmente aculturada e destituída de sua herança cultural.

TEXTO: 2 - Comum às questões: 69, 70

Os africanos não escravizavam africanos, nem se reconheciam então como africanos. Eles se viam como membros de uma aldeia, de um conjunto de aldeias, de um reino e de um grupo que falava a mesma língua, tinha os mesmos costumes e adorava os mesmos deuses. (...) Quando um chefe (...) entregava a um navio europeu um grupo de cativos, não estava vendendo africanos nem negros, mas (...) uma gente que, por ser considerada por ele inimiga e bárbara, podia ser escravizada. (...) O comércio transatlântico (...) fazia parte de um processo de integração econômica do Atlântico, que envolvia a produção e a comercialização, em grande escala, de açúcar, algodão, tabaco, café e outros bens tropicais, um processo no qual a Europa entrava com o capital, as Américas com a terra e a África com o trabalho, isto é, com a mão de obra cativa.

(Alberto da Costa e Silva. *A África explicada aos meus filhos*, 2008. Adaptado.)

69 - (UNESP SP)

Ao caracterizar a “integração econômica do Atlântico”, o texto

- a) destaca os diferentes papéis representados por africanos, europeus e americanos na constituição de um novo espaço de produção e circulação de mercadorias.
- b) reconhece que europeus, africanos e americanos se beneficiaram igualmente das relações comerciais estabelecidas através do Oceano Atlântico.
- c) afirma que a globalização econômica se iniciou com a colonização da América e não contou, na sua origem, com o predomínio claro de qualquer das partes envolvidas.
- d) sustenta que a escravidão africana nas colônias europeias da América não exerceu papel fundamental na integração do continente americano com a economia que se desenvolveu no Oceano Atlântico.
- e) ressalta o fato de a América ter se tornado a principal fornecedora de matérias-primas para a Europa e de que alguns desses produtos eram usados na troca por escravos africanos.

70 - (UNESP SP)

Ao caracterizar a escravidão na África e a venda de escravos por africanos para europeus nos séculos XVI a XIX, o texto

- a) reconhece que a escravidão era uma instituição presente em todo o planeta e que a diferenciação entre homens livres e homens escravos era definida pelas características raciais dos indivíduos.
- b) critica a interferência europeia nas disputas internas do continente africano e demonstra a rejeição do comércio escravagista pelos líderes dos reinos e aldeias então existentes na África.
- c) diferencia a escravidão que havia na África da que existia na Europa ou nas colônias americanas, a partir da constatação da heterogeneidade do continente africano e dos povos que lá viviam.

- d) afirma que a presença europeia na África e na América provocou profundas mudanças nas relações entre os povos nativos desses continentes e permitiu maior integração e colaboração interna.
- e) considera que os únicos responsáveis pela escravização de africanos foram os próprios africanos, que aproveitaram as disputas tribais para obter ganhos financeiros.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 71

Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler, entre outros, sonharam com a pan-Europa que, com a inclusão de mais dez países, se tornou uma realidade irreversível. Os antecedentes da União Europeia são assim, alguns mais respeitáveis do que outros. Durante muito tempo depois da tentativa de Carlos Magno de substituir o império romano pelo seu, uma identidade europeia se definia mais pelo que não era do que pelo que era: cristã e não muçulmana, civilizada em vez de bárbara (e, portanto, com o direito de subjugar e europeizar os bárbaros – isto é, o resto do mundo).

(Luis Fernando Verissimo. **O mundo é bárbaro**.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2008)

71 - (PUCCamp SP)

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português

(Oswald de Andrade. **O santeiro do mangue e outros poemas**. São Paulo: Globo, 1991. p. 95)

Explica a ironia feita pelo autor do poema e identifica a ideia da *identidade europeia*, referida no texto de Luis Fernando Veríssimo, o que se afirma em:

- a) O domínio e catequização dos índios, no século XVI, deveu-se à preocupação dos portugueses com os habitantes da nova terra.
- b) Os portugueses foram os primeiros a reconhecer, entre outras coisas, os costumes, crenças e tradições dos indígenas brasileiros.
- c) A nudez e os valores dos índios, cuja cultura refletia uma relação com a natureza, foram compreendidos pelos conquistadores portugueses.
- d) Os primeiros contatos dos portugueses com os índios para assegurar a posse das terras pelo reino luso foram pacíficos e amistosos.
- e) O contato entre portugueses e indígenas em 1500 foi marcado pela imposição de hábitos europeus sobre o modo de vida dos nativos.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 72

Os gregos e os romanos aceitavam a escravidão porque não imaginavam que uma sociedade pudesse funcionar sem escravos. Como Sêneca, insistiam apenas em que se reconhecessem direitos aos escravos: que fosse, por exemplo, proibido utilizá-los com finalidades sexuais. Estamos nós, hoje, na mesma posição quanto à pobreza. Estamos convencidos de que uma sociedade justa deve procurar erradicá-la. Mas, como não conseguimos conceber os meios que permitam atingir esse objetivo, aceitamos que uma sociedade comporte grandes bolsões de pobreza. Em contrapartida, não hesitamos em condenar a prática da escravidão.

(BOUDON, Raymond. **O relativismo**.
Trad. Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2010. p. 41)

72 - (PUCCamp SP)

Era frequente, no Brasil, o abuso sexual contra os cativos, tal como disso dão notícia os seguintes versos:

- a) *Depois vi minha prole desgraçada*
Pelas garras d'Europa –arreatada –
Amestrado falcão!...
- b) (...) *minha avó*
traída com as escravas
rangendo sedas na alcova.
- c) (...) *uivavam nos tombadilhos*
Gritos insontes de réus.
- d) *Prende-os a mesma corrente*
–Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
- e) (...) *aqui só tens uma guitarra e um beijo,*
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!

TEXTO: 5 - Comum à questão: 73

(...) a insistência em descrever a natureza, arrolar os seus bens e historiar a vida ainda breve da Colônia indica um primeiro passo da consciência do colono, enquanto homem que já não vive na Metrópole e, por isso, deve enfrentar coordenadas naturais diferentes, que o obrigam a aceitar e, nos casos melhores, repensar diferentes estilos de vida. Se por um lado sua atitude em face do índio, por exemplo, prende-se aos comuns padrões culturais de português e católico-medieval, seu contato com os nativos leva-o a uma observação curiosa, da qual pode nascer uma nova avaliação.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1982. 3. ed., 3a tiragem, p. 20)

73 - (PUCCamp SP)

Esse fragmento do crítico e historiador Alfredo Bosi, em sua parte final, ressalta o fato de que, em contato direto com os nativos, o *colono*

- a) contrapõe violentamente seus valores aos deles.
- b) deixa-se eventualmente afetar em seu julgamento sobre eles.
- c) acaba por renunciar aos seus próprios valores.
- d) fortalece-se em suas convicções religiosas.
- e) aceita-os como parceiros de um mesmo empreendimento.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 74

O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado por muitos. E se for, qual deve ser, homem de cabedal e governo, bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quanto proporcionalmente se estimam os títulos entre os fidalgos do Reino (...)

Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar nem aumentar fazenda, nem ter engenho corrente.

(ANTONIL, André João.

Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas)

74 - (PUCCamp SP)

O trabalho *escravo* durante o período colonial, mencionado pelo jesuíta André João Antonil, foi essencial não apenas aos senhores de engenho como também aos donos de minas. No período da mineração, os escravos

- a) controlavam o contrabando de ouro e diamantes, prática estimulada pelos portugueses proprietários da maioria das lavras, que pretendiam burlar a fiscalização empreendida com rigor pela elite local.
- b) foram organizados em irmandades religiosas cujo objetivo era a catequese e a punição eficaz a qualquer prática herdada das religiões africanas ou forma de sincretismo cultural.
- c) passaram a ser menos explorados, tratados de forma mais humana e não raramente remunerados, uma vez que dependia deles o sucesso da exploração dos minérios.
- d) participaram de diversas rebeliões contra a Coroa que eram influenciadas pelos ideais iluministas, caso da Inconfidência Mineira, cuja maioria dos integrantes era negra e mulata.
- e) alcançaram densidade populacional surpreendente na região de Minas Gerais, uma vez que os investimentos e as riquezas ali obtidas estimularam o aumento desse tipo de mão de obra e a intensificação do tráfico.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 75

“Entre todos os moradores e povoadores uns fazem engenhos de açúcar porque são poderosos para isso, outros canaviais, outros algodoais, outros mantimentos, que é a principal e mais necessária cousa para a terra, outros usam de pescar, que também é muito necessário para a terra, outros usam de navios que andam buscando mantimentos e tratando pela terra conforme ao regimento que tenho posto, outros são mestres de engenhos, outros mestres de açúcares, carpinteiros, ferreiros, oleiros e oficiais de fôrmas e sinos para os açúcares e outros oficiais que ando trabalhando e gastando o meu por adquirir para a terra, e os mando buscar em Portugal, na Galiza e nas Canárias às minhas custas, além de alguns que os que vêm fazer os engenhos trazem, e aqui moram e povoam, uns solteiros e outros casados, e outros que cada dia caso e trabalho por casar na terra.”

Gonsalves de Mello e Albuquerque. Cartas de Duarte Coelho a El Rei.
Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997, p. 114.

75 - (PUC SP)

A carta, enviada pelo donatário de Pernambuco ao rei de Portugal em 1549, mostra que os

- a) colonos exerciam diversas atividades produtivas no Brasil colonial, o que gerava a presença de muitos trabalhadores livres sob a ordem escravocrata.
- b) escravos desempenhavam todas as atividades produtivas no Brasil colonial, o que permitia aos colonos portugueses o desfrute do ócio e o enriquecimento rápido.
- c) senhores de engenho controlavam todas as relações de trabalho e de produção no Brasil colonial, o que impedia que a Corte portuguesa lucrasse efetivamente com a empresa colonizadora.
- d) nobres portugueses eram os donatários das principais capitanias no Brasil colonial, o que limitava a ascensão social dos escravos alforriados.

GABARITO:

1) Gab: B	13) Gab: E	25) Gab: D	37) Gab: C
2) Gab: A	14) Gab: A	26) Gab: E	38) Gab: B
3) Gab: D	15) Gab: E	27) Gab: B	39) Gab: B
4) Gab: B	16) Gab: A	28) Gab: B	40) Gab: C
5) Gab: C	17) Gab: B	29) Gab: B	41) Gab: A
6) Gab: E	18) Gab: E	30) Gab: B	42) Gab: C
7) Gab: A	19) Gab: D	31) Gab: A	43) Gab: E
8) Gab: B	20) Gab: A	32) Gab: D	44) Gab: B
9) Gab: B	21) Gab: A	33) Gab: B	45) Gab: A
10) Gab: E	22) Gab: C	34) Gab: A	46) Gab: E
11) Gab: B	23) Gab: C	35) Gab: D	47) Gab: C
12) Gab: A	24) Gab: E	36) Gab: B	48) Gab: B

49) Gab: B

56) Gab: E

63) Gab: B

70) Gab: C

50) Gab: D

57) Gab: B

64) Gab: D

71) Gab: E

51) Gab: D

58) Gab: D

65) Gab: D

72) Gab: B

52) Gab: A

59) Gab: A

66) Gab: A

73) Gab: B

53) Gab: E

60) Gab: E

67) Gab: D

74) Gab: E

54) Gab: E

61) Gab: B

68) Gab: 03

75) Gab: A

55) Gab: D

62) Gab: C

69) Gab: A